

Jucelma Brito dos Santos
(Organizadora)

**Narradores de
Tradição Oral:
histórias contadas por
estudantes da alfabetização
de jovens e adultos de
escolas quilombolas**



CETENS

Centro de Ciência e Tecnologia
em Energia e Sustentabilidade

Programa de Pós-Graduação
em Educação Científica,
Inclusão e Diversidade - PPGEICID





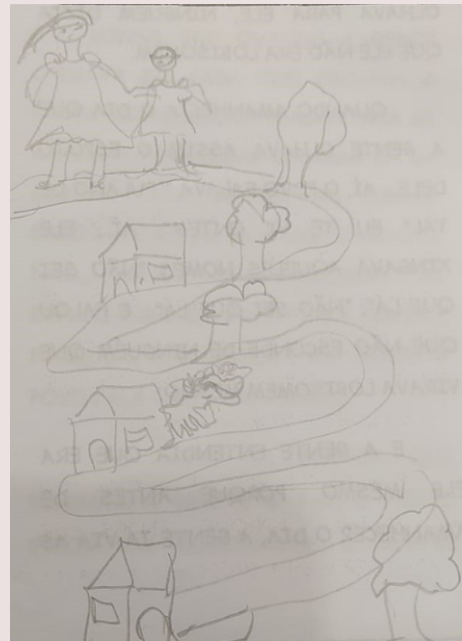
Jucelma Brito dos Santos
(Organizadora)

**Narradores de
Tradição Oral:
histórias contadas por
estudantes da alfabetização
de jovens e adultos de
escolas quilombolas**

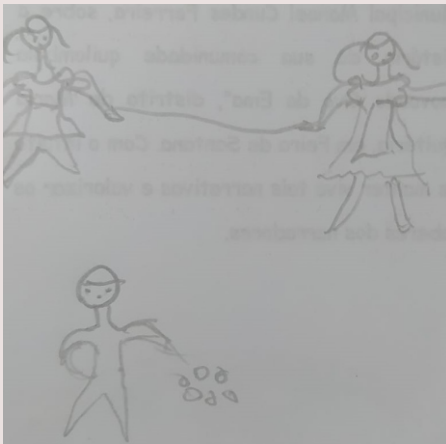
Feira de Santana-BA
2023



Desenho de Griot Vei



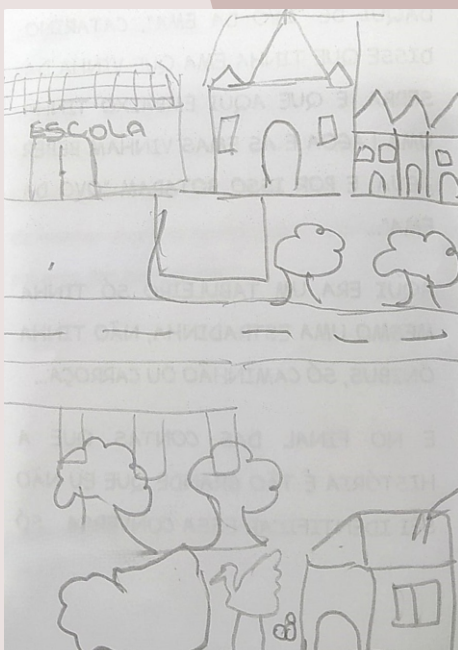
Desenho de Griot Nice



Desenho de Griot Nice



Desenho de Griot Preta



Desenho de Griot Nice



Desenho de Griot Vei

Ficha Técnica

Narradores de Tradição Oral: histórias contadas por estudantes da alfabetização de jovens e adultos de escolas quilombolas

© 2023 Direitos reservados a Jucelma Brito dos Santos. Proibido o uso comercial.

Orientadora

Aldinete Silvino de Lima

Autora

Jucelma Brito dos Santos

Diagramação

Carlos André Lima de Matos

Imagens

Griot Vei (capa e p. 13 e 25)

Griot Nice (p. 15, 19 e 23)

Griot Preta (p. 21)

Revisão de texto

Gislaine Maria da Silva

S237n Santos, Jucelma Brito dos

Narradores de tradição oral: histórias contadas por estudantes da alfabetização de jovens e adultos de escolas quilombolas. / Jucelma Brito dos Santos e Aldinete Silvino de Lima, autoras ; Carlos André Lima de Matos, diagramação. -- Feira de Santana, 2023. 43 f.: il.

Produto Educacional (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade.

1. Tradição oral - Comunidade quilombola. 2. Estudantes - Narrativas pessoais. 3. Alfabetização de jovens e adultos. 4. Quilombos - Educação. I. Lima, Aldinete Silvino de. II. Matos, Carlos André Lima de. III. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. IV. Título.

CDD - 370

IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTO

Origem do Produto: dissertação Narrativas de tradição oral na alfabetização de jovens e adultos de escolas quilombolas.

Área de concentração: Ensino.

Público-alvo: estudantes e professores da Alfabetização de Jovens e Adultos de escolas quilombolas e turmas da EJA de comunidades tradicionais ou não.

Finalidade: contribuir com práticas pedagógicas sobre história oral em turmas da Alfabetização de Jovens e Adultos de escolas quilombolas, bem como para turmas da EJA de comunidades e culturas diferentes.

Registro do produto/ano: 2023.

Disponibilidade: irrestrita, preservando-se os direitos autorais, bem como a proibição do uso comercial do produto.

Divulgação: Formato digital.

Instituição envolvida: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Idioma: português.

Cidade: Feira de Santana (BA).

País: Brasil.

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas quilombolas do Brasil que lutam por identidade, educação, terra e justiça social.

Maria Bernadete, PRESENTE!

APRESENTAÇÃO

O presente livro é fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, vinculado ao Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, da Universidade Federal de Recôncavo da Bahia. A produção de dados aconteceu por meio de uma entrevista de natureza narrativa e uma roda de conversa com estudantes e professores da Alfabetização de Jovens em Adultos em Escolas Quilombolas do município de Feira de Santana (BA). O livro traz à tona memórias de luta por terra, educação, trabalho, cultura e justiça social. O objetivo central é propor possibilidades de trabalhar com narrativas de tradição oral em turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos, na perspectiva de incentivar práticas pedagógicas colaborativas e emancipadoras.

Boa leitura!





SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	9
1 MINHA COMUNIDADE QUILOMBOLA, Griot Noca	13
2 O CAMINHO PARA A CASA DE FARINHA, Griot Lai	15
3 BRINCADEIRAS ANTIGAS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS, Griot Nice	19
4 LOBISOMEM, Griot Preta	21
5 A COMUNIDADE QUILOMBOLA ATUAL, Griot Vei	23
6 ANTIGA ESCOLA DA COMUNIDADE, Griot Mariazinha	25
7 UM POUCO MAIS: CANTIGA, QUADRINHAS, CORDEL	27
EM OUTRAS PALAVRAS	37
REFERÊNCIAS	41



Primeiras Palavras

Entre lembrança sobre o
vivido e o experienciado, [...]
está Joaquim, presente, na
sala de aula.

(Alves, 2013, p. 179)

Compreendemos que a Alfabetização de Jovens e Adultos deve ser trabalhada a partir de temas sociais, políticos e culturais, relacionados aos conteúdos escolares. Reconhecer os saberes e fazeres dos sujeitos da EJA vai além da valorização dos saberes. Configura-se, pois, como troca de conhecimentos, onde todos saem ganhando, tanto os estudantes quanto os professores, tornando o processo de alfabetização mais efetivo e prazeroso. Isso é possível uma vez que o professor, ao se relacionar com a realidade social e cultural do estudante, aprimora a sua prática, aprende e produz novos conhecimentos.

As narrativas de tradição oral trazidas pelos estudantes jovens e adultos valorizam o diálogo entre os diversos saberes, contribuem com o processo de alfabetização e podem contribuir com a emancipação dos sujeitos. Essas narrativas não são apenas falas, são textos orais ricos de cultura e historicidade, que, por compartilharem a comunhão dos saberes e fazeres, acabam democratizando os mesmos. Rosário (1989) considera que as narrativas de tradição oral devem ser vistas como um potencial recurso pedagógico, por facilitarem o processo de ensino e tornarem a aprendizagem de novos conhecimentos mais rápida, e também por estimular a curiosidade e o prazer.

Contos, provérbios, lendas, mitos, adivinhas, ditos e histórias de vida, com conteúdo imprescindível para o bom convívio nas comunidades, as narrativas de tradição oral nasceram nas culturas orais e têm como função o compartilhamento dos saberes e fazeres passados de geração a geração (Arapiraca, 2007).

Essas narrativas salvaram do esquecimento boa parte da história, visto que surgem da oralidade primária, um gênero da arte verbal que existe desde os primórdios da história da humanidade e faz-se presente até hoje – tempo

das tecnologias –, exercendo sua função na construção das histórias coletivas e individuais que precederam as narrativas escritas, e foi por meio delas que o conhecimento histórico se originou (Arapiraca, 2007).

Para Siqueira (2010), o processo de alfabetização baseado nas narrativas orais dos sujeitos, além de promover uma aprendizagem global, estimula o ato de falar sobre a cultura à qual pertencem, as lutas que travam diariamente, as conquistas, enfim, falar sobre a vida. O estímulo ao ato de falar acaba por estimular o ato de escutar. Escutar torna-se importante tanto quanto falar, pois escutar demonstra respeito pelo outro, pelo seu saber e sua história.

As ancestralidades africanas se ligam intimamente com as ancestralidades indígenas, configurando assim o imaginário brasileiro, relegado devido à colonização, ao patriarcado, ao sexismo e ao racismo. Os povos africanos e indígenas, com seus costumes, valores e crenças respeitam a natureza e produzem e compartilham conhecimentos por meio de símbolos e da tradição oral.

Dessa maneira, as narrativas de tradição oral trazidas pelos sujeitos da EJA refletem a tradição e a diversidade brasileira, sendo importantes para a inserção da Lei nº 10.639 (Brasil, 2003) e das Diretrizes Nacionais para a EEQ (Educação Escolar Quilombola) no contexto da sala de aula, pois, geralmente, as memórias são heranças dos povos indígenas e africanos, e o seu compartilhamento valoriza a história e cultura dos mesmos (Bezerra, 2009).


A dialogicidade do ato de falar e escutar permite a troca e ampliação de saberes. Segundo Freire (1987), para que ocorra mudança no mundo, a huma-

nidade não pode ser silenciada, visto que a sociedade se nutre de palavras verdadeiras: “[...] existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (Freire, 1987, p. 44). São essas palavras verdadeiras que encontramos nas lembranças das histórias vividas pelos estudantes da EJA de escolas quilombolas, sujeitos ricos de palavras fortes e verdadeiras, com potência para transformar o mundo.

Em suma, faz-se necessário, na Alfabetização de Jovens e Adultos de escolas quilombolas, valorizar as memórias que esses sujeitos trazem através de narrativas de tradição oral e considerar, assim, seus saberes e lugar de fala, já que o trabalho com as narrativas de tradição oral vai muito além de uma proposta pedagógica. Desse modo, as narrativas de tradição oral fazem ecoar culturas, memórias, cosmovisões, dialetos, artes, fazeres, entre tantos outros saberes.

The background features a hand-drawn illustration of a traditional house with a thatched roof and a tree to the left. The drawing is done in a simple, sketchy style with visible pencil or crayon marks. A large, semi-transparent brown shape is overlaid on the top left, containing a white graphic element and the title text. The overall color palette is muted, with earthy tones and soft greens.

Griot Noca



Minha Comunidade Quilombola

Essa roda contada de leitura
Com músicas boas pra lembrar.
Relembrando nossa cultura,
Vamos agora aplaudir e cantar.

Griot Noca

Antes das novelas que passa na televisão, a gente, todos nós, sentava lá em volta do pé de pau, de noite, e passava horas contando causos. Hoje ninguém quer mais saber disso, minha filha.

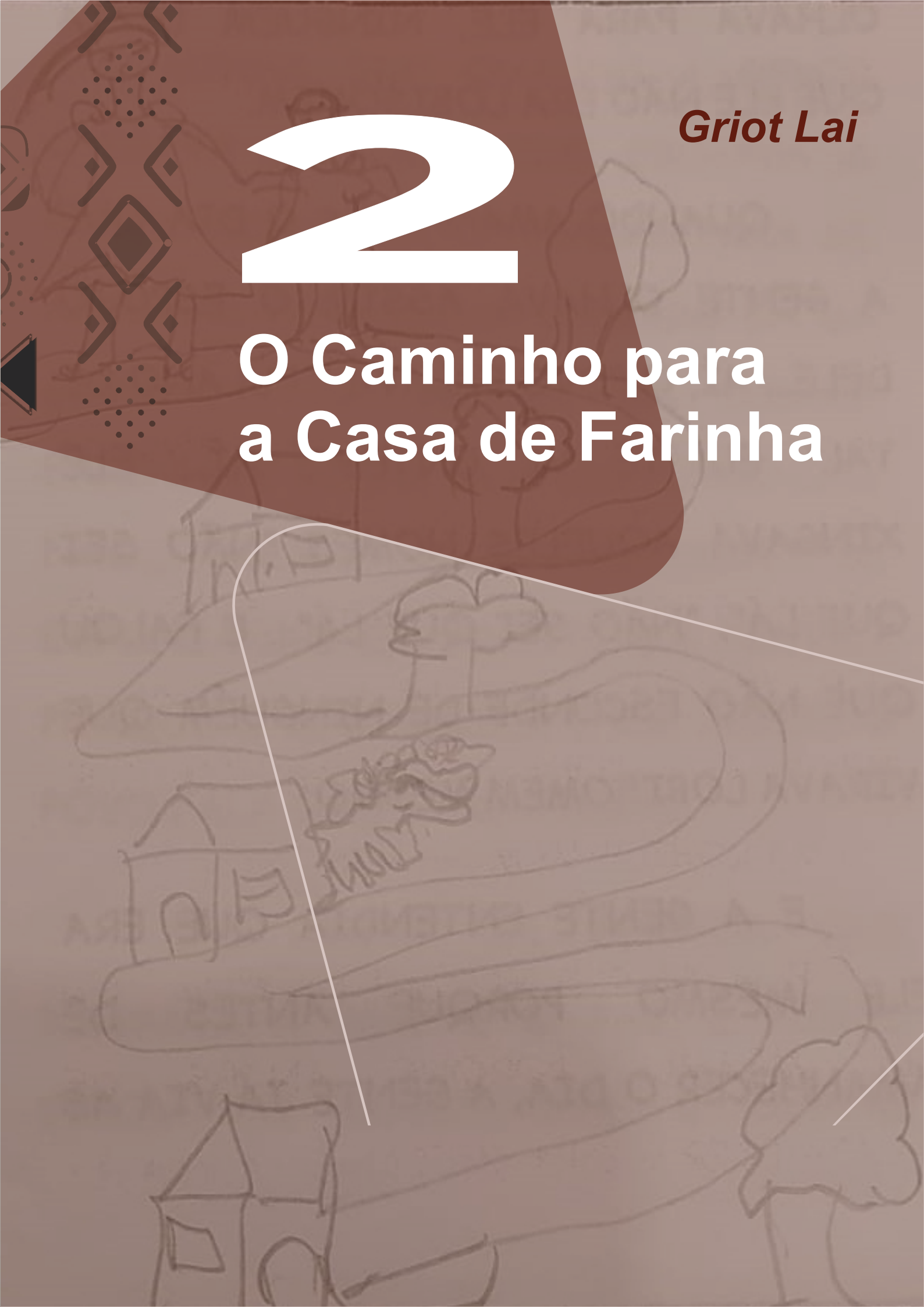
Nesse lugar aqui, só tem preto; se tu vês pessoas mais “clarinha” assim de cor é porque veio de outro lugar. O povo aqui é negro mesmo! Aqui era uma fazenda grande, minha avó e meu avô e as outras pessoas eram tudo escravos do engenho que tinha aqui. Por isso que aqui é chamada de comunidade quilombola.

Minha avó conta que o nome dessa comunidade [...] foi o apelido que os moradores deram por causa do tamanho pequeno da mata. Nessa mata que ficava meus avôs e o resto do povo que fugiu da fazenda, eles eram escravos de lá. Eles fugiram porque sofriam muito, sabe? Dizem que batiam nas pessoas, que uns chegavam a morrer. Deus é mais! Aqui hoje em dia é um lugar calmo. Graças a Deus! Só tem pessoas boas por aqui, não tenho o que falar. Como é que diz? Todo mundo aqui é camaradeiro, tudo amigo, para algumas pessoas, né? Que têm muitas pessoas [...] aí [...]. Sei lá [...], passa por a gente e não dá um “bom dia”, que já comeu no prato mais a gente, hoje em dia a maioria da gente tá tirando onda, né? Mas, Deus não deixou isso [...]. Deixou pra gente ficar amigos o tempo todo; até quando morrer, a gente tem amizade, tá entendendo? Graças a Deus, meu Pai! Eu tenho amizade com todo mundo. Hoje mesmo eu arranquei uma mandioca, meus amigos foram com carroça e carregaram minha mandioca [...]. Deu sete carroças de mandioca. Graças a Deus, meu Pai! Se não fossem os meus amigos, os meus meninos iriam carregar o dia todo, e não ia ter a farinhada hoje.

Griot Lai

2

O Caminho para a Casa de Farinha



Era bom demais se sentar para ouvir as pessoas mais velhas contar aquelas histórias, a meninada ficava tudo com o olho em cima [...], mas, agora, ninguém faz mais isso.

Essa comunidade é quilombola porque aqui foi morada de escravos. Fomos lá no encontro da associação pedir para ter o título. [...] antigamente tinha um pessoal que falou que aqui era deles, mas era mentira, essas terras são do povo daqui e ninguém pode tomar assim, até um homem, morador daqui, morreu por causa disso. Ele e outros provaram com os documentos que aqui é nosso.

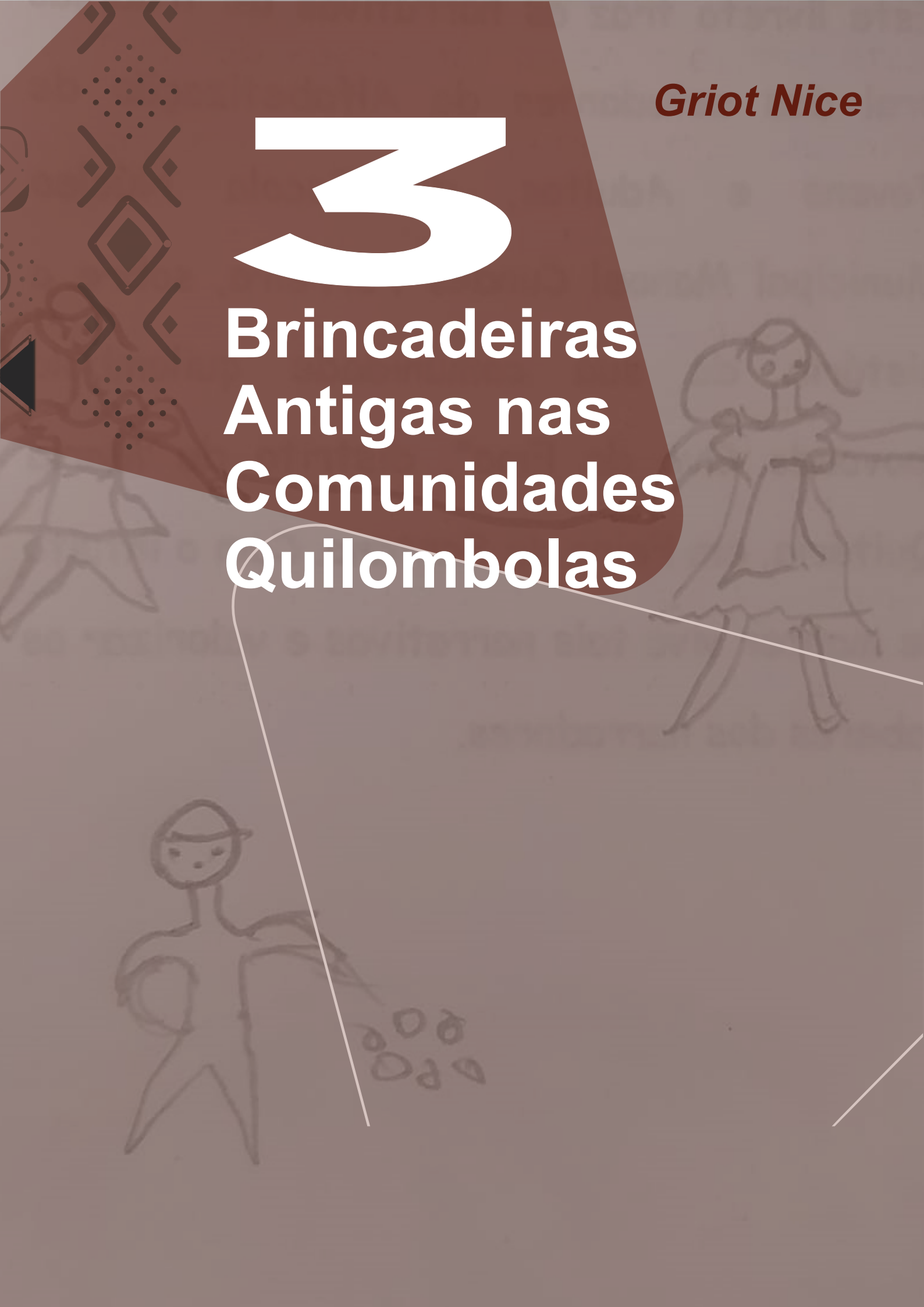
Aqui foi um quilombo de escravos que fugiram. Aqui agora pertence aos parentes dessas pessoas. Minha mãe conta que meu tio era escravo nesse tempo. Teve um tempo que um fazendeiro veio falar que aqui era terra dele, que as pessoas tinham que sair, mas ninguém deixou ele tomar. Quem já se viu, se as terras não são dele? Quando eu era criança e saía da casa de farinha mais minha mãe, umas 4h da manhã [...] e a gente chegava em casa no corredor, a gente via aquele negócio preto deitado lá no chão. Aí [...] mãe falava assim: “Vamos passar por debaixo da cerca, lobisomem não passa”. Eu falei: “Mãe, eu tenho medo”. Mãe falou: “Não, minha filha, vamos passar embaixo da cerca assim mesmo, porque o lobisomem não passa [...]”. A gente saía da casa de farinha tarde, a gente era as últimas a mexer farinha, fazer beiju para vender, porque o dono da casa de farinha começava primeiro e a gente que não era dona ficava por derradeiro. Então, a gente começava 12h da noite e ficava até 4h da manhã [...] esse horário era perigoso para a gente ir para casa, né? A gente morava um pouco distante, enfrentava mato, enfrentava tudo [...]. As crianças não iam para escola porque tinha que ajudar. Então,

esses horários não era muito bom pra gente ficar de um lugar para o outro, e sempre que a gente ia, encontrava lobisomem, mas só que a gente passava por debaixo da cerca, e ele não passava. Minha fia! Quando a gente chegava em casa, fechamos a porta correndo, cansadas para se arrumar para pegar o carro às 5h da manhã, para vender na cidade farinha e beiju, quando penso que não [...] olha o lobisomem se esponjando em frente da porta, porque o lobisomem é um jegue; o povo fala que é um animal. Lá, tinha um senhor que xingava a mãe e o pai, e nisso virou um lobisomem. E sempre quando era lua cheia, ele se virava em lobisomem, quando chegava próximo ao amanhecer o dia, ele ficava normal. Só que você olhava para ele, ninguém dizia que ele não era lobisomem. Quando amanhecia o dia e a gente olhava assim o espelho dele [...]. Aí, o povo falava: “ ‘fulano de tal’, eu te vi ontem”. Aí [...] ele xingava aqueles nomes “não sei que lá”, “não sei que lá” [...]. Ele falava que não escondia de ninguém que virava lobisomem mesmo. E a gente aqui na comunidade entendia que era ele mesmo, porque, antes de amanhecer o dia, a gente já via as pisadas dele, ele se recuar para casa dele, no fundo da casa dele.

Griot Nice

3

Brincadeiras Antigas nas Comunidades Quilombolas



BRINCADEIRAS ANTIGAS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Antigamente, tinha esse costume mesmo [de contar histórias oralmente], hoje não! O povo agora só quer saber de celular.

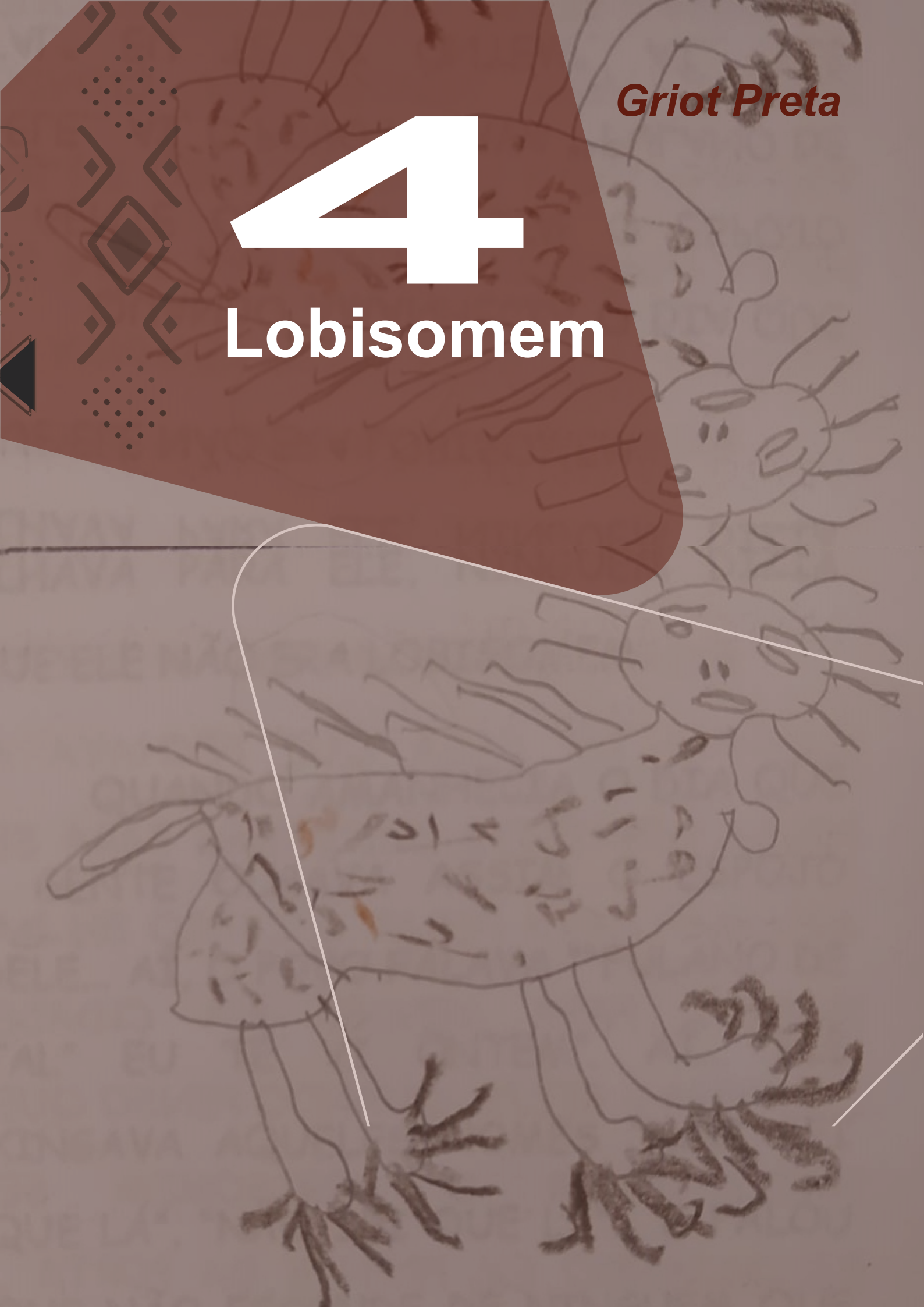
Demorou um pouquinho pra gente receber o certificado, mas a gente sabia que aqui era, porque o povo aqui tem parente escravo.

Tudo começou na fazenda, tinha um fazendeiro muito rico que comprou as pessoas negras para fazer de escravos, tiveram parentes meus que foram dessa época, eles foram escravos dessa fazenda. Tem pessoas de lá da cidade, quando nós vamos lá, que olha a gente com cara feia, porque nós tivemos os familiares dessa época, e agora nós somos quilombolas. Têm jovens daqui que escondem serem daqui com vergonha. O povo conta que os escravos com raiva da família do fazendeiro, porque eles não eram pessoas boas, colocava cobras nas bolsas das mulheres e na cama dos homens. Minha infância foi muito boa, eu brincava de corda, de bola, baleado, antigamente tinha aquele negócio de baleado [...] brincava de esconde-esconde, de casinha, de roda, de pedras [...]. Mas nós trabalhávamos também, aqui não era reconhecido como uma comunidade de quilombolas, não tinha escola, muitas crianças não estudavam, eu também não.

Griot Preta

4

Lobisomem



Eu lembro de um tio meu que contava as histórias pra gente.

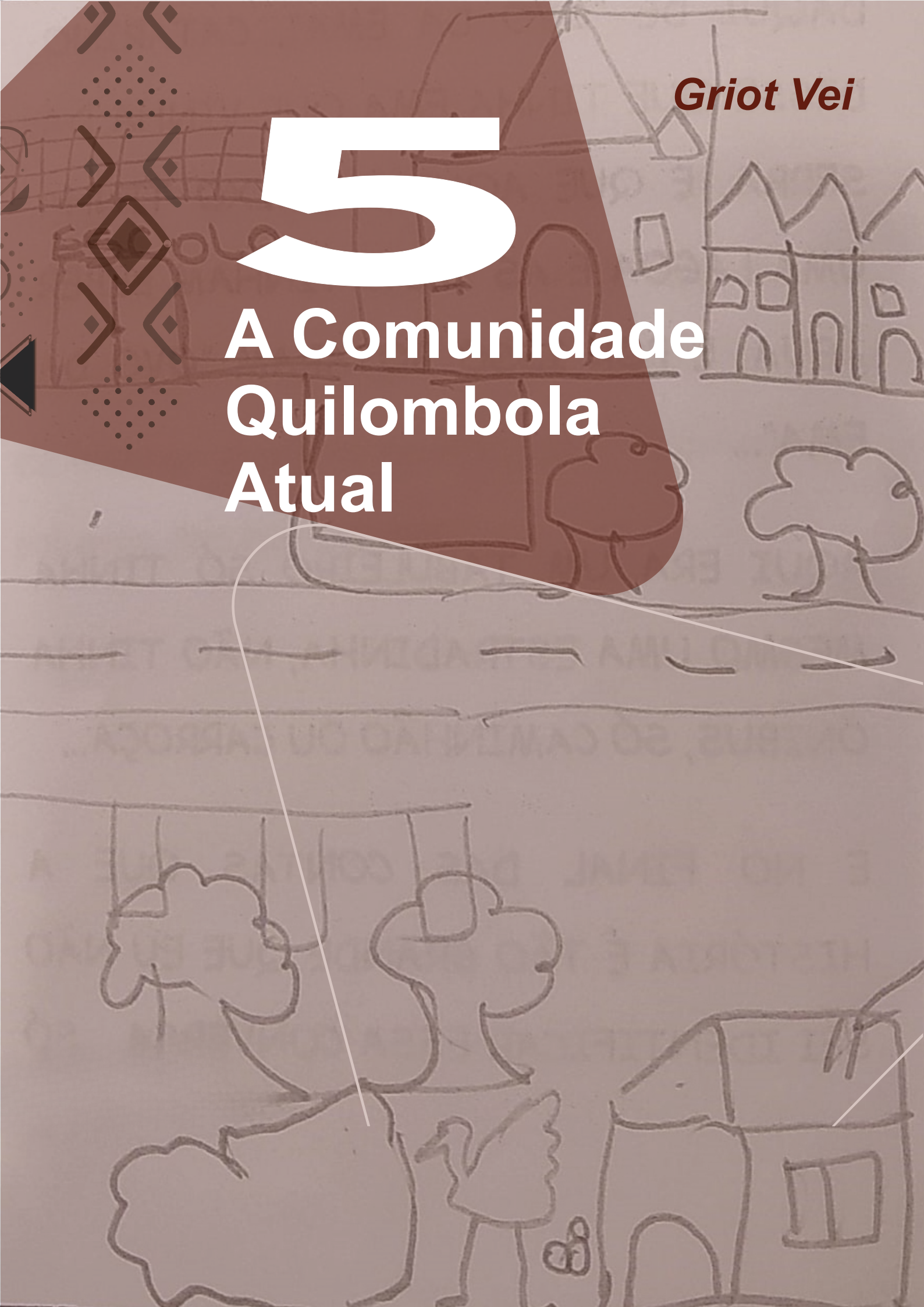
Tudo que tem na comunidade foi a gente que buscou: a energia elétrica, a água, a estrada, o posto de saúde, essa escola aqui, e até a certificação que mandaram.

Eu lembro que quando nós viemos do samba quando eu era pequena, o meu pai gostava de beber, e, quando a gente veio do caminho, nós encontramos um bicho cabeludo na nossa frente, aí nós escondemos: eu, minha mãe e meus irmãos. E meu pai pegou uma briga com o bicho de quatro pés e nós ficamos chorando, gritando, pedindo socorro. Aí [...] meu pai se embolou com o bicho todo cabeludo, aí ele chamou o amigo pra ajudar “traz uma corda aí seu “não sei quem”. Aí [...] o amigo trouxe a corda, eles amarraram esse bicho, o bicho com a orelha grande, e colocou ele em um quarto de uma casa velha. Quando é no outro dia [...], quem foi que disse ter bicho lá? Era um homem! E nós conhecíamos esse homem, era vizinho da gente. Como os colegas falaram, aqui foi morada de escravos, quando os senhores vacilavam, eles [os escravos] corriam e se escondiam nesse lugar que hoje nós vive. Por isso que o povo daqui, a maioria é negro, e nós temos o costume de sambar.

Griot Vei

5

A Comunidade Quilombola Atual



Meu avô contava as histórias pra gente. Ele transformava os ensinamentos em histórias. Quando ele queria falar que não era para desobedecer aos pais, ele contava uma história do menino que desobedeceu os pais e virou uma cobra. Aí todo mundo ficava com medo de virar cobra e não desobedecia.

Não foi da noite para o dia que esse povo aqui aceitou que era quilombola, foi aceitando mais porque viram que era bom, as pessoas dão valor às coisas daqui [...]. É bom até para a venda de farinha.

No tempo que colocaram o nome daqui de [...], Catarino disse ter ema que vinha da serra, e que aqui embaixo tinha uma lagoa e as emas vinham beber água, e por isso botaram esse nome [...]. Aqui era um tabuleiro, só tinha mesmo uma estradinha, não tinha ônibus, só caminhão ou carroça [...]. Meus netos, filhos, pais, avós e bisavós eram tudo preto; nessa comunidade, a maioria é assim porque nós temos descendência dos escravos que morou nesse lugar. E, no final das contas, a história é tão grande que eu não sei identificar essa conversa. Só Catarino mesmo que sabia contar, mas só que ele já faleceu, né? Até hoje tem o samba, o samba que nos representa na rua como quilombola, tem uns que toca, outros, dança, samba de raiz.

*Griot
Mariazinha*


6

**Antiga Escola
da Comunidade**



Antigamente, contavam histórias mesmo. Hoje, esses jovens não se interessam por essas coisas, acham até chato.

Eu não entendia esse negócio de quilombola, o pessoal lá na associação explicou tudo direitinho. A história daqui começou na venda de terras, fazendeiros traziam as emas para beber água aqui, por isso que o nome da comunidade é esse [...]. Da fazenda, criou o povoado que foi chegando gente, dizem que os primeiros moradores foram os povos que trabalhavam na fazenda e vinham fugidos para cá, os escravos, sabe? Aqui não tinha escola; aí um grupo de pessoas foi lá na prefeitura exigir a escola, o terreno nós já tínhamos, foi um morador que ajuda todo mundo que doou. A escola era pequenininha, mas as crianças já passaram a estudar. No meu tempo, não tinha nem pequena e nem grande. Meus filhos e netos estudaram nessa escola, e agora eu. Essa comunidade sempre foi animada. A bata de feijão, tu precisas ver, é bom demais, nós trabalha debaixo de chuva e sol, temos disposição para enxada e tudo, mas cansa a gente; mas, na hora da bata, a gente se anima.

The image features a dark red, irregularly shaped background element in the upper left corner. This element is decorated with various geometric patterns, including diamonds, squares, and clusters of dots, all rendered in a lighter shade of red. The rest of the background is a solid, light beige color. A thin, dark red line starts from the bottom edge of the dark red shape and extends diagonally across the page.

Um Pouco Mais: Cantiga, Quadrinhas, Cordel

As narrativas a seguir ampliam possibilidades de trabalho em sala de aula. Originaram-se de um projeto desenvolvido por estudantes da EJA de uma das escolas analisadas, orientado pela professora nominada Maria Filipa, participante da pesquisa.

Cantiga da cultura da comunidade

Quando eu era bebê
Não parava de chorar.
Minha mãe bem dengosa
Cantava cantiga de ninar.

Criança bem esperta,
Ninguém sabe por onde anda.
Nas brincadeiras de roda,
Cantava ciranda.

Eu agora bem crescida
Comecei a paquerar.
Na cantiga da sereia,
Aprendi a namorar.

Namorar é muito bom.
Tem beijos e muita prosa.
Quando tem discussões,
É igual o cravo com a rosa.

Nessas idas e vindas,
Dá uma fome pra danar.
Na hora de comer,
Doce é bom pra acompanhar.

Um dia viajei,
Mas tive saudade dessa terra.
Quando quis voltar pra casa,
Nada mais ficou como era.

Assim que cheguei,
Foi no dia de um Reisado,
Uma festa muito bonita,
Que era o rei roubado.

Todos se reuniam
Pra dançar, cantar e comer,
Organizar uma roda de samba
Sem o dono da casa saber.

Entre outras comemorações,
Em São Roque tem reza e pipoca,
Cosme e Damião, samba e caruru,
E na casa de farinha ralando mandioca.

O feijão tá no terreiro,
No sol para secar.
Os homens vêm pra bater
E as mulheres pra biatá.

Tinha muito por aqui,
A bata de feijão.
Com muito samba de roda,
Os vizinhos nessa união.

Quadrinhas dos objetos antigos da comunidade

É pro meio desses versos
Que vamos lhe apresentar
Muitos objetos do campo
Que o povo deixou de usar.

GAMELA

Uma bacia muito útil
Feita de boas madeiras,
Usada na cozinha e no campo.
Hoje só decora as feiras.

BORRACHA DE PNEUS

Com a borracha de pneus
Fazia baldes e bacias.
Balde para água na fonte
E bacias pra labuta do dia a dia.

CESTOS DE CIPÓ

Os cestos de cipó
Pra armazenar e colher alimentos.
Oval, redondo com ou sem tampa
É um objeto vencendo os tempos.

PALHAS DE LICURI

Uma árvore que dá coquinho
É o nosso licurizeiro.
Com a palha faz chapéu, esteira e arupemba,
Abano e vassoura pra limpar o terreiro.

POTES DE BARRO

Bem antes da modernidade,
Ter água boa e bem fria
Usava um vaso de barro.
Na cozinha todo mundo tinha.

Pequeno era o pote,
Grande era o purrão.
Um ficava em cima de mesa
E também enfiado no chão.

PILÃO/MOINHO

Usava o moinho
Pra moer os grãos.
Quando colocava farinha,
Pisava tudo no pilão.

FERRO A VAPOR

Objeto de ferro colocava brasa,
Era o ferro de passar.
Depois de aquecido,
Vacilando a roupa podia queimar.

FILTRO D'ÁGUA

Filtro de barro
Ainda é fácil encontrar,
Onde colocamos água
Para poder filtrar.

BOCAPIL

Uma bolsa de palha
Usada para fazer compra.
Dava para colocar tudo.
Hoje pouco se encontra.

RETALHOS

Um Tecido Completo
Para comprar era caro.
Então se fazia muito aqui
As belas colchas de retalhos.

Faziam forros e enfeites
Com retalhos pequeninos.
Passava muito tempo
Construindo flores de fuxicos.

...

As crianças de hoje,
Muitos não vão conhecer
Esses objetos antigos
Que apresentei pra você.

Ainda encontramos esses objetos
Em outras regiões.
As pessoas não usam mais,
Ficando somente nas recordações.

Cordel da história da comunidade

As festas na escola
Têm grande parceria,
Seja forró ou folclore,
E com muita alegria
Porque Teo Cego toca sanfona
Com apreço e cantoria.

Mês de junho tem muita oração,
Com o trezenário do padroeiro,
Que é Santo Antônio.
Dizem ser o santo casamenteiro.
Muitas moças rezam pra ele
Pra conseguir moço bonito com dinheiro.

A escola que era pequena,
Na última reforma se observou
As crianças que estudam hoje
São filhos e netos de quem já estudou.
Nessa roda da vida,
Muito aprendizado ficou.

Dona Virgínia, mãe de muitos filhos,
Pessoa digna no povoado,
Personagem de nossa escola
Porque sempre teve do lado,
Com a parceria firmada
Aos pais, filhos e professores dedicados.

Em setembro, já é tradição:
A festa da colheita

Organizada pelos moradores.
São vendidas várias receitas
Dos produtos da comunidade
Que os visitantes logo aceita.

Relembrando os costumes,
Não perdemos a animação.
Nas danças da quadrilha
E nas batatas de feijão
Tem grupo de samba de roda.
O mais animado da região,
O Samba de Rosa,
É uma tradição renovada,
Uma turma que toca e dança
No grupo Flor da Quixaba,
Toca samba de raiz
Alegrando a garotada.

O amigo Zé Coruja
É um líder comunitário
Reconhecido pela sua luta
Desenvolvendo um digno trabalho:
Dá atenção à criança e ao idoso.
A todos tem sempre horário.

Um povo trabalhador
Trabalha de chuva a sol,
Tem disposição pra tudo,
Na enxada e no anzol.

Com um time organizado,
Os homens jogam futebol.

As mulheres da comunidade,
Muitas são domésticas e lavradoras,
Trabalham muito na roça,
Mas na igreja são cantoras.
Adoram louvar ao senhor,
Pois Jesus é a força protetora.

Com o projeto de leitura,
A turma da EJA optou
Por escrever esses versos
Que logo se multiplicou.
Usando literatura de cordel,
A história da comunidade apresentou.



Em Outras Palavras



As histórias contadas pelos estudantes participantes nos fazem perceber quantos saberes afros permeiam suas narrativas, e como as escolas e comunidades quilombolas necessitam tê-los presentes, tanto para aproximar os jovens de suas origens, quanto para o entendimento crítico da realidade. Portanto, cabe às escolas quilombolas resgatar tais narrativas de tradição oral, de modo a incentivar o conhecimento e a valorização da história e da cultura das comunidades, bem como contribuir para a construção da identidade dos moradores.

O sentido da produção das narrativas orais sobre a história da comunidade dos estudantes da Alfabetização de Jovens e Adultos foi tornar acessíveis suas falas em um livro, por entender que estes, os estudantes quilombolas, bem como os moradores mais velhos de suas respectivas comunidades precisam ser ouvidos nas salas de aula para uma prática pedagógica voltada à EEQ (Educação Escolar Quilombola).

Durante o processo da produção do livro, notamos que as histórias das comunidades vão além de sua origem, trazem memórias coletivas de luta e resistência. Percebemos que as narrativas indicam que os estudantes se reconhecem como negros quilombolas, e, a isso, as associações e as escolas têm dado sua contribuição, são parceiras na luta por direitos e valorização da cultura local. Assim sendo, as histórias dessas comunidades revelam a luta por terra, educação, trabalho, cultura e justiça social, mostram que o lugar onde vivem foi um território escravista, mas foi também um lugar de resistência.

Essa proposta de fazer o livro possibilitou aos participantes o resgate de suas memórias sobre a origem do lugar onde vivem, do passado de lutas e resistência. Revelaram elementos culturais, tradições, costumes, saberes e

fazeres do seu povo, como a farinhada, a bata do feijão, o samba de roda e até a presença de assombrações.

Em suma, podemos notar que essas comunidades atribuem grande importância aos saberes tradicionais e ao conhecimento da sua própria história, apontam várias estratégias para fazer ouvir os sujeitos pertencentes a elas, e assim caminhamos para uma educação mais próxima da realidade dessa população.

Desse modo, as narrativas de tradição oral, como dito, possibilitaram aos estudantes trazerem à tona memórias coletivas de luta. Portanto, este livro ancora-se na pedagogia freireana, uma vez que considera o diálogo como princípio fundante para produção de conhecimentos. Seu objetivo central é proporcionar possibilidades de trabalhar com narrativas de tradição oral em turmas da Alfabetização de Jovens e Adultos de escolas quilombolas, na perspectiva de incentivar práticas pedagógicas colaborativas e emancipadoras.

Nessa perspectiva, o livro produzido pode ser mais um recurso a ser utilizado nas salas de aula da Alfabetização de Jovens e Adultos quilombolas, bem como nas turmas da EJA de comunidades tradicionais ou não, como ferramenta de formação e valorização da identidade negra quilombola e valorização da história da comunidade. No ambiente escolar, pode também ser trabalhado em diálogo com todas as disciplinas, em particular, para desenvolver ou aprimorar a oralidade, a leitura e escrita de textos. Nesse viés, este produto se constitui em um convite para que os saberes tradicionais sejam incluídos no cotidiano pedagógico, de modo a garantir práticas pedagógicas voltadas ao reconhecimento e fortalecimento da identidade quilombola dos estudantes jovens e adultos.

E assim continuamos a lutar pela materialização dos princípios e fundamentos da EEQ, assegurando condições de aprendizagem de uma educação holística, que valorize o estudante autônomo, crítico, afetivo e capaz de transformar a sociedade em que está inserido.



Referências



- ALVES, Eliana Maria S. O conhecimento prévio do aluno da EJA em questão. In: BORTONIRICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Org.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013.
- ARAPIRACA, Mary de Andrade. Narrativas fazem sentidos. In: MUNIZ, Dinéia Maria Sobral; SOUZA, Emília Helena P. M. de.; BELTRÃO, Lícia Maria de Freire (Org.). **Entre textos, língua e ensino**. Salvador: EDUFBA, 2007. (Sala de Aula, 5).
- BEZERRA, Rosilda Alves. Políticas de aplicabilidade da Lei 11.645/08: os desafios da diversidade na Educação Básica e na formação de professores. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Org.). **Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 28 ago. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A narrativa africana de expressão oral: transcrita em português**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **N’assysim: a íris dos olhos da alma africana. Saberes africanos no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.



CETENS

Centro de Ciência e Tecnologia
em Energia e Sustentabilidade

**Programa de Pós-Graduação
em Educação Científica,
Inclusão e Diversidade - PPGEICID**